

BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1335 - 07/03/2016 a 13/03/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

CLIMA

O QUE O CLIMA RESERVA PARA 2016

Orientações
Como acionar Proagro e Seguro Rural

Carnes
100 anos do Serviço de Inspeção Federal



FALTAM
60
DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO

www.sistemafaep.org.br

Na quinta-feira passada, dia 3, o Brasil conheceu o tamanho do estrago provocado pelo desgoverno da economia nacional em 2015: o Produto Interno Bruto (PIB), que corresponde à soma de todas as riquezas geradas no país ao longo do ano inteiro, encolheu 3,8% em relação a 2014. Um resultado horrível, por todos os pontos de vista. O consumo das famílias, que é um dos componentes dessa conta, encolheu 4%. Isso quer dizer que o consumidor brasileiro gastou menos que no ano anterior, somando todas as suas despesas. E a tendência para 2016 é de novos recuos.

Para o produtor, isso quer dizer que o consumidor brasileiro vai ter menos condições de comprar carne de boi, frango, suínos, frutas, verduras, pão, massas, óleo de soja e outros produtos provenientes do campo ou derivados da nossa atividade. Menos mal que as exportações estejam mais compensadoras – ainda que turbinadas pela desvalorização do real.

Se o governo não colaborar, pelo menos a natureza deve ser mais benevolente. Os problemas climáticos deste início do ano parecem estar encerrados, com o arrefecimento dos efeitos do El Niño. Mas é bom preparar os casacos: o inverno deve ser mais frio que os últimos dois anos.

Essa e outras notícias você encontra nesta edição do Boletim Informativo.

Boa leitura!

Índice

Conjuntura	03
Clima	04
Orientações	07
Evento	11
História - Temple Grandin	14
Fazenda Bimini	18
Global G.A.P	21
SIF	22
CAR	24
Pecuária de Leite	26
Notas	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueira | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1335:

Fernando Santos, Milton Dória, Divulgação e Arquivo FAEP

O pior PIB desde 1990

O agronegócio foi a única atividade a apresentar desempenho positivo em 2015, crescendo 1,8% no acumulado do ano



Tânia Moreira

Economista do Departamento Técnico e Econômico/FAEP

Confirmando a retração esperada para economia em 2015, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou no dia 3/3 o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) para o quarto trimestre de 2015. A economia brasileira apresentou uma retração de 3,8% no acumulado do ano de 2015, a pior retração já registrada desde 1990. Em relação ao quarto trimestre de 2014 o recuo foi 5,9%.

A indústria encerrou 2015 com retração acumulada ao longo do ano de 6,2%, ou o pior resultado já registrado em toda série histórica das Contas Nacionais. O setor de serviços, que engloba comércio e transportes, não teve resultado diferente, e também amargou o pior resultado da série histórica, -2,7% para serviços e -8,9% para o comércio.

A agropecuária foi o único setor a apresentar desempenho positivo no acumulado de 2015, crescendo 1,8%, contribuindo para suavizar a retração da economia nacional. O desempenho do agronegócio aparece também, sob outra ótica, em Exportações. O crescimento em exportações em 2015 foi de 6,1% e, como o agronegócio sustentou a balança comercial em 2015, o resultado de Exportações reflete também o agronegócio.

Apesar do desempenho positivo em 2015, é importante destacar que este não foi um dos melhores resultados do agronegócio. Tirando o desempenho negativo em 2012, por seca, e 2009, pela crise econômico-financeira internacional, 2015 só foi melhor que 1997 e 2005, em uma série histórica iniciada em 1996. Isso leva à conclusão de que o agronegócio, apesar de apresentar desempenho positivo em 2015, não passou ileso das consequências da crise econômico-política brasileira.

Projeções para 2016

De acordo com estimativas de consultorias privadas, o agronegócio continuará a apresentar crescimento positivo em 2016, projetando entre 0,7% a 1,6%, por enquanto, em relação à projeção de -3,5 a -4,0% para o PIB nacional.

Alguns fatores podem ameaçar estas projeções, tais como: o clima na safra de verão 2015/16 e a queda do preço internacional das commodities.

PIB Paraná

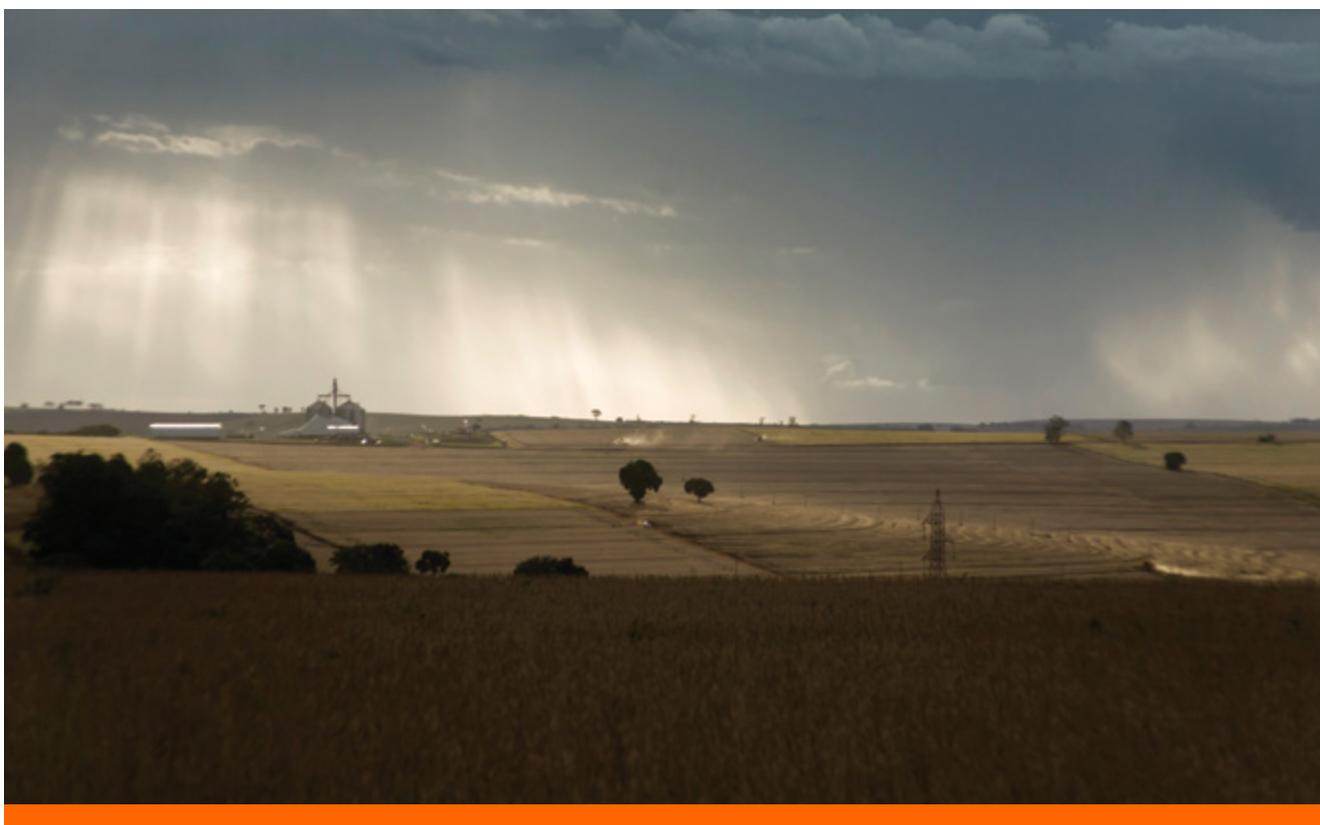
O PIB paranaense encolheu 2,8% em 2015 em relação ao ano anterior, de acordo com estimativa divulgada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IparDES).

A indústria influenciou o resultado com queda de 7,0% no Estado, sendo suavizada pelo desempenho da agropecuária, que foi de 4,4%.

O que aconteceu com o tempo?

Chuvas irregulares decorrentes do El Niño prejudicam produção agrícola no Estado. Fenômeno climático deve perder força nos próximos meses

Por André Amorim



Costuma-se dizer que a atividade agrícola funciona como uma “empresa a céu aberto”, isso porque ela está suscetível aos caprichos do clima, como geadas, chuvas, estiagens e outros fenômenos que, em excesso ou fora de hora, podem comprometer a produção.

Após um 2015 movimentado por conta da ocorrência do El Niño, os produtores rurais do Paraná entram em 2016 com dificuldades decorrentes do excesso de chuvas no Estado. As ocorrências são inúmeras e prejudicam diversas culturas. Desde a uva colhida em Marialva, onde as precipitações causaram perdas da ordem de 50%, passando pelas hortaliças de Campo Mourão, que sofreram com a falta de sol, até a soja, onde muitos produtores temem amargar prejuízos nesta colheita por conta do clima.

Em Astorga, no Norte do Paraná, o presidente do Sindicato

Rural do município, Guerino Guandalini, conta que em algumas lavouras da região a soja já está brotando na vagem, fruto da chuva que não para de cair. Além da perda da qualidade, os produtores não conseguem entrar com as máquinas nas lavouras para colher o que resta da produção que ainda não foi comprometida.

A região Norte é a que mais tem sofrido com o clima. As dificuldades começaram no plantio, em meados de outubro do ano passado, que foi acelerado e concentrado por conta das chuvas, que deixaram poucas janelas secas para trabalhar. O mesmo ocorre agora na colheita. De acordo com levantamento mais recente do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), no final de fevereiro ainda faltava colher a maior parte da soja da região. Em Londrina já foi colhido 31% da área plantada, em Jacarezinho 35% e em Cornélio

Procópio, 20%. “Não estão fora do prazo, mas o problema vai ser se continuar chovendo e esse trabalho não conseguir evoluir”, avalia o diretor do Deral, Francisco Simioni.

Em outras regiões a chuva vem castigando as lavouras, mas o risco de atrapalhar o calendário agrícola é pequeno. No Oeste, onde o plantio começa mais cedo, boa parte da soja já foi colhida (97% em Toledo e Cascavel) e no Sudoeste e no Sul, onde ocorre mais tarde, os prazos não estão tão apertados.

Mesmo assim, as chuvas irregulares estão diminuindo a expectativa de produção. Segundo Simioni, a previsão inicial para a produção de grãos, que era de 22,2 milhões de toneladas, caiu para 21,5 milhões. Na soja a previsão é de 17,5 milhões de toneladas nesta safra. “Mas se continuar chovendo vamos ter que rever nossas estimativas”, avalia.



Prazos apertados

Além de afetar a produtividade das lavouras e a qualidade dos grãos, o clima também dificulta o planejamento das culturas seguintes. O atraso na colheita da soja pode atrasar também o plantio do milho safrinha, que termina no final de março, e – consequentemente – o plantio das culturas de inverno.

Foi o que aconteceu em Campo Mourão e em Mamborê, na região central do Estado, onde as chuvas atrasaram a colheita de soja e muitos produtores devem perder o prazo para o plantio do milho segunda safra.

Nas culturas de inverno, as chuvas irregulares ocorridas em 2015 afetaram as lavouras de trigo principalmente duran-

te o período de enchimento dos grãos, comprometendo a produtividade e a qualidade. No caso da cevada, o calor excessivo elevou o teor de proteína dos grãos, inviabilizando seu uso para a produção de malte.

Uva na chuva

As chuvas também afetaram a produção de uva no Paraná. Em Marialva, na região Norte, considerada “capital da uva de mesa”, as precipitações excessivas e a falta de luminosidade causaram doenças e afetaram o teor de açúcar das frutas, chegando a comprometer metade da produção da safra colhida em novembro e dezembro de 2015, e ameaçando comprometer mais de 70% da safrinha, que é colhida em meados de março.

Segundo o presidente do Sindicato Rural do Município, Lindalvo José Teixeira, as chuvas não deram trégua nos últimos quatro meses. Além da água em excesso, que ocasiona o aparecimento de doenças e dificulta o manejo, a falta de luminosidade prejudicou a qualidade dos frutos “Não tem sol, não tem fotossíntese, a baga fica miúda e sem sabor”, explica o dirigente. Segundo ele a produtividade

média no município é de 15 a 18 mil quilos de uva por hectare. A safra de verão produziu apenas 5 mil kg/ha e a perspectiva para esta safrinha é de 3 a 4 mil kg/ha.

O mesmo aconteceu em Bituruna, na região Sudeste do Estado, que em 2015 colheu a pior safra de uva da sua história. Entre outubro e dezembro, a chuva foi 62% acima da média para o período e houve nestes três meses apenas 22 dias de sol. Com isso, a queda na produção foi da ordem de 70% no município.

De maneira geral, chuva fora de hora e em excesso também traz problemas nos tratamentos culturais, para todas as culturas. A aplicação de fungicidas, defensivos e outros produtos perde eficácia devido à umidade excessiva. “Quem fez pulverização preventiva, perdeu, outros não puderam, fazer por conta da chuva”, observa Simioni. Em tempos de dólar alto, o desperdício desses insumos pesa no bolso do produtor.

Outros tipos de frutas e hortaliças também foram prejudicadas pelo El Niño. Mesmo aqueles que driblam o excesso de chuvas com a utilização de estufas cobertas sofrem com a falta de luz solar, que prejudica o desenvolvimento de folhas como alface, almeirão, rúcula e couve. O mesmo ocorre com pepino, mandioca, berinjela, abobrinha, quiabo, batata e outros vegetais que chegam ao ponto de colheita com qualidade bem abaixo do esperado. Nessas culturas a chuva em excesso é muito mais prejudicial do que a estiagem, que pode ser corrigida com irrigação artificial.

No Norte do Estado, os horticultores perderam boa parte da produção. A atividade vinha sofrendo com a chuva desde novembro de 2015, mas um temporal ocorrido em janeiro deste ano deu o golpe de misericórdia com destruição de grande parte das lavouras. Na ocasião, o governo estadual anunciou liberação de crédito emergencial para socorrer os agricultores que tiveram perdas significativas.

Outro ponto que vai pesar no bolso dos produtores, mas de forma indireta, são os estragos causados no solo. Quando bem feitas,

as curvas de nível conseguem impedir que a enxurrada se transforme em erosão, mas quando o volume de água é muito grande, nem mesmo o manejo correto do solo é capaz de impedir a destruição. Em diversos pontos do Estado houve ocorrências como essa.

O mesmo ocorre nas estradas rurais e rodovias que foram danificadas. Quase 20 trechos ficaram bloqueados total ou parcialmente em todo o Estado pelas chuvas de janeiro. Em fevereiro, novos trechos foram danificados e ainda não há previsão para que sejam reparados.

Calmaria à vista

Depois de causar estragos, o El Niño agora começa a perder força. Segundo o meteorologista Renato Luiz Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) o fenômeno teve seu auge em janeiro deste ano e agora tende a desaparecer entre maio e junho. “De agora em diante a chuva no Norte deve dar uma trégua, com algumas pancadas de chuva no final da tarde, mas não chuva contínua”, explica.

Segundo o meteorologista, em comparação com outros anos, este não foi um El Niño muito vigoroso. Para este ano, devemos ter um inverno mais frio do que os ocorridos nos últimos dois anos, mas nada além do esperado para esta estação. Nesse contexto, são esperadas geadas a partir de maio nas áreas mais altas do Estado. “Na região Oeste do Estado, existe a possibilidade de pegar geada no milho safrinha entre o final de maio e começo de junho”, alerta Lazinski.

Vale lembrar que esta é uma condição da região Sul do Brasil. Na região de MaToPiBa, que abrange os Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, as chuvas irregulares devem continuar por mais tempo, bem como a ocorrência de veranicos.



Seguro, Proagro e renegociação de dívidas

O que podem fazer os produtores que não puderem quitar seus compromissos devido às quebras provocadas pelo excesso de chuvas

Maria Silvia C. Digiovani | engenheira-agrônoma do Departamento Técnico Econômico

Pedro Loyola e Tânia Moreira | economistas do Departamento Técnico Econômico



A produção agrícola paranaense na safra de verão deverá atingir 21,5 milhões de toneladas em relação à estimativa inicial de 22,3 milhões de toneladas, segundo a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (Seab). A redução da estimativa é justificada pelo excesso de chuvas, que tem prejudicado principalmente a cultura de soja no Estado.

A estimativa inicial de produção de soja era de 18 milhões de toneladas, mas foi reduzida para 17,6 milhões de toneladas até o momento. O percentual colhido médio no Estado é de 51%, segundo a Seab. As regiões Centro-Oeste e Oeste seguem finalizando a colheita com percentual colhido acima de 70%. Já a região Sul, que deverá responder por pelo menos 26% da produção do Estado está iniciando a colheita com percentuais colhidos entre 8% a 15%, e o clima tem sido uma ameaça, prejudicando o potencial produtivo das lavouras.

Neste contexto, segue a preocupação em relação a produtores rurais que tiveram prejuízos em suas lavouras e não poderão liquidar suas parcelas de 2016 por incapacidade de pagamento.

PROAGRO

O Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro) garante o pagamento das operações de crédito rural de custeio quando a ocorrência de fenômenos naturais, pragas ou doenças sem controle conhecido atinjam as lavouras causando danos que dificultem o pagamento dos contratos.

As orientações produzidas a seguir são baseadas nas normas do Manual do Crédito Rural para o Proagro e referem-se aos procedimentos que o produtor deve tomar quando acionar o Proagro.

1) CONFIRA OS EVENTOS AMPARADOS PELO PROAGRO

Chuva excessiva; geada; granizo; seca; variação excessiva de temperatura; ventos fortes; ventos frios; doença ou praga sem método difundido de combate, controle ou profilaxia técnica e economicamente exequíveis;

Nas operações de custeio pecuário são cobertas as perdas decorrentes de doença sem método difundido de combate, controle ou profilaxia.

2) PERCENTUAL DE INDENIZAÇÃO PELO PROAGRO

A cobertura do Proagro corresponde, no mínimo, a 70% (setenta por cento) e, no máximo, a 100% (cem por cento) do limite de cobertura, por empreendimento enquadrado.

a) Está sujeito a 70% de cobertura o beneficiário que, observado o histórico dos 36 (trinta e seis) meses anteriores à data de adesão ao Proagro, em todos os agentes:

1) Não tenha enquadrado o mesmo empreendimento;

2) Conte com deferimento de cobertura a seu favor referente ao último enquadramento do mesmo empreendimento, ainda que não tenha recebido a respectiva indenização.

b) Respeitado o percentual máximo de 100% (cem por cento), o percentual mínimo de cobertura é acrescido de 10 (dez) pontos percentuais, a título de bonificação, a cada enquadramento do mesmo empreendimento que não contar com deferimento de pedido de cobertura, nos 36 (trinta e seis) meses anteriores à data de adesão ao Proagro, em todos os agentes.

c) A indenização será de até 100% (cem por cento) do limite de cobertura do programa nas seguintes situações:

1) operação enquadrada no Programa de Garantia da Atividade

de Agropecuária da Agricultura Familiar (Proagro Mais); e

2) empreendimento enquadrado e executado com o uso de irrigação, qualquer que seja a linha de crédito ou o programa a que esteja vinculado o beneficiário.

d) Para efeito do disposto no item b, consideram-se apenas os enquadramentos ocorridos após o último deferimento da cobertura.

3) COMO AGIR EM CASOS DE PERDAS NA LAVOURA RESULTANTES DE UM EVENTO AMPARADO

3.1) COMUNICAR A OCORRÊNCIA DE PERDAS

O agricultor precisa dirigir-se ao agente financeiro e fazer a comunicação de ocorrência de perdas imediatamente após certificar-se que um evento amparado pelo Proagro causou danos que reduzirão o rendimento esperado da lavoura.

Em até 5 (cinco) dias úteis a contar do recebimento da comunicação de perdas o agente financeiro indicará um perito para vistoriar a lavoura e fazer a comprovação de perdas.

3.2) PRAZOS PARA A VISTORIA DO PERITO

O perito tem os seguintes prazos para vistoriar a lavoura:

a) Três dias úteis a contar da solicitação do agente, no caso de perda parcial ou total por evento ocorrido na fase de colheita;

b) Oito dias corridos a contar da solicitação do agente, no caso de perda total, exceto quanto ao disposto na alínea “a”;

c) No caso de perda parcial por evento anterior à fase de colheita, o perito fará duas visitas ao imóvel: a primeira no prazo de oito dias corridos a contar da solicitação do agente e a outra na época programada para início da colheita.





3.3) AGUARDAR A VISTORIA DO PERITO INDICADO PELO AGENTE FINANCEIRO

Não colher nenhuma parte da lavoura antes da vistoria do perito.

O agricultor não pode colher **NENHUMA** parte da lavoura antes da visita do perito, pois nessa área colhida será considerado a produção inicialmente prevista e o preço será o maior parâmetro entre o preço mínimo, o preço considerado na formalização do crédito ou o preço de mercado do produto de boa qualidade, mesmo que essa área tenha produzido muito pouco e produto de baixa qualidade.

3.4) QUANDO O PERITO REALIZAR A VISTORIA PARA COMPROVAÇÃO DAS PERDAS

- Acompanhar pessoalmente o perito na vistoria da lavoura ou designar uma pessoa para isso.
- Certificar-se de estar de acordo com as informações que o perito colocou em seu laudo, principalmente sobre a previsão da quantidade e qualidade do produto a ser colhido.
- Se houver perda da qualidade do produto, isso deve ser expresso claramente no laudo.
- Após a vistoria do perito, o agricultor precisa adotar todas as práticas recomendadas para minimizar os prejuízos e evitar o agravamento das perdas.

3.5) QUANDO HOUVER AGRAVAMENTO DE PERDAS

- Se o perito fez a vistoria, estimou a produção a ser obtida e após sua visita o evento continuou a prejudicar a lavoura, ou ocorreu outro evento que baixou a quantidade

de e qualidade do produto, o agricultor deve dirigir-se ao assistente técnico e ao agente financeiro e comunicar que as perdas se agravaram.

- O agente financeiro determinará nova visita do perito
- Aguardar nova vistoria do perito.
- Acompanhar a vistoria e certificar-se de concordar com o registrado no laudo do perito sobre a quantidade e qualidade de produto a ser colhido.

3.6) QUANDO O PERITO LIBERAR A LAVOURA PARA SER COLHIDA

- Efetuar a colheita, comercializar o produto e levar imediatamente a primeira via das Notas Fiscais ao agente financeiro.

IMPORTANTE

- Quando houver perda de qualidade do produto, atestada pelo assistente técnico e perito, será considerado o valor constante das notas de venda, desde que entregues ao agente financeiro antes da conclusão da análise do processo de cobertura do Proagro.
- Se não forem apresentadas as notas de comercialização dentro desse prazo, o preço para o produto colhido será considerado o maior entre os seguintes parâmetros:
 - Preço mínimo;
 - Preço de mercado;
 - Preço considerado no enquadramento da operação no Proagro;
 - Preço de garantia definido para o Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar, no caso de beneficiários do Pronaf.

3.7) QUANDO O PRODUTOR NÃO CONCORDAR COM A DECISÃO DO AGENTE FINANCEIRO SOBRE O VALOR OU SOBRE A FALTA DE INDENIZAÇÃO.

Quando o pedido de cobertura do Proagro é negado pelo agente financeiro ou quando o produtor não concorda com a indenização, é seu direito recorrer à Comissão Especial de Recursos (CER), única instância administrativa do Proagro. A CER é um órgão Colegiado, da qual a FAEP participa por indicação da CNA

Para isso é necessário que o agricultor ou seu assistente técnico juntem documentos com fatos que comprovem suas reivindicações, levem ao agente financeiro que montará um processo e encaminhará à CER.

SEGURO RURAL

O seguro agrícola cobre as lavouras contra perdas decorrentes principalmente de fenômenos climáticos. Tão logo o produtor confirme perdas relevantes sobre sua lavoura por evento climático coberto pelo seguro, deve comunicar ao seu agente de seguro o mais rapidamente possível para que possa ser providenciada a vistoria por um perito designado.

Para que o produtor possa ser atendido na sua solicitação de cobertura do sinistro ocorrido, precisa se certificar do cumprimento das suas obrigações estabelecidas na apólice do seguro:

- Não erradicar a cultura ou realizar a colheita sem autorização da seguradora;
- Conduzir a cultura respeitando o zoneamento agrícola divulgado pelo MAPA e conforme as recomendações técnicas dos órgãos oficiais e entidades técnicas especializadas para atingir a produtividade esperada, especialmente no que se refere à quantidade, variedade e sanidade das sementes/mudas empregadas, época de plantio, assim como o emprego adequado dos tratamentos culturais e fitossanitários;
- Apresentar à seguradora as coordenadas geográficas georreferenciadas e croquis com identificação e localização da área segurada;
- Permitir a Seguradora a inspeção dos bens segurados pelas pessoas por ela autorizadas a qualquer momento e facilitar o acesso a todos os detalhes e informações necessárias para a devida apreciação do risco;
- Comunicar imediatamente à Seguradora todas as circunstâncias que possam afetar ou alterar o risco descrito na Proposta de Seguro;
- Comunicar a seguradora o período previsto para a colheita para que o perito realize a vistoria final com avaliação da produtividade a ser obtida na área segurada;
- Apresentar à seguradora as notas fiscais dos insumos (sementes e adubo) e também notas fiscais de inseticidas, fungicidas, herbicidas utilizados na área segurada. Esses documentos devem estar em nome do segurado e da propriedade;
- Adotar todas as providências cabíveis no sentido de preservar os salvados, não podendo abandoná-los, quando ocorrer sinistro que atinja bens cobertos pelo seguro;
- Autorizar qualquer representante da Seguradora a obter informações sobre produções colhidas, área plantada, insumos aplicados e outros elementos necessários nas máquinas de beneficiamento, cooperativas, centros de abastecimentos, armazéns gerais, firmas compradoras, indústrias e entidades bancárias com as quais a cultura segurada estiver ou vier a estar vinculada.

- Comunicar por escrito à Seguradora, até o prazo máximo de oito dias da sua ocorrência, os seguintes fatos:
 - a) Venda, alienação, cessão ou qualquer forma de transferência da cultura segurada;
 - b) Penhor ou qualquer outro ônus sobre a cultura segurada; e
 - c) Quaisquer modificações na área estabelecida na Apólice, bem como qualquer modificação no método de cultivo adotado.

ORIENTAÇÕES PARA RENEGOCIAÇÃO DE DÍVIDAS CASO O PRODUTOR NÃO TENHA SEGURO OU PROAGRO:

Produtores rurais que tiveram prejuízos em suas lavouras em função do excesso de chuvas e não poderão liquidar suas parcelas de 2016 por incapacidade de pagamento, podem solicitar renegociação de suas operações de crédito rural conforme o disposto no Manual do Crédito Rural (MCR) no capítulo 2 seção 6.

Segundo o MCR 2-6-9, independentemente de consulta ao Banco Central, é devida a prorrogação da dívida, aos mesmos encargos financeiros antes pactuados no instrumento de crédito, desde que se comprove incapacidade de pagamento ao mutuário, em consequência de:

- a) Dificuldade de comercialização dos produtos.
- b) Frustração de safras, por fatores adversos.
- c) Eventuais ocorrências prejudiciais ao desenvolvimento das explorações.

Os modelos de carta para solicitar a prorrogação e outros procedimentos estão disponíveis no site do Sistema FAEP.



Sustentabilidade Empresarial

Sistema FAEP participa do EncontroFolha, em Londrina



No momento em que a crise econômica atinge todos os setores, se faz necessário agregar valor às empresas. Uma das práticas cada vez mais valorizadas e cobradas pelo consumidor é a competitividade sustentável, tanto para pequenos como grandes. Para serem competitivas e sustentáveis, as empresas precisam ter: prosperidade econômica, equidade social, vitalidade cultural e sustentabilidade ambiental. “E isso vale desde o carrinho de pipoca ao exportador que atua no cenário internacional”, definiu o professor da Fundação Dom Cabral, Pedro Lins palestrante do EncontroFolha, realizado pelo jornal Folha de Londrina no dia 2/3. A FAEP foi uma das apoiadoras do evento, e o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, também esteve entre os palestrantes.

Segundo Lins, empresas que têm sustentabilidade tem um retorno de quase 47%. “Isso vai muito além do ‘ecochatismo’, é uma tendência inevitável e se não faço por crença deveria fazê-lo para não perder dinheiro”, complementou.

O secretário estadual de Planejamento, Silvio Barros reforçou a tese ao lembrar que em 2020 entra em vigor na Europa o princípio da economia circular, em que os materiais são devolvidos ao ciclo produtivo através da reutilização, recuperação e reciclagem. Assim, as empresas que pretendem continuar negociando com o mercado europeu terão que atender a esses requisitos. “São desafios globais

que influenciam localmente tanto empresas quanto governo”.

Ele também destacou o papel do governo nesse processo, considerando que Sustentabilidade Corporativa inclui o poder público, setor privado e terceiro setor. “Temos um modelo insustentável em que a alternativa é aumentar a carga tributária. Um desequilíbrio de direitos e deveres”.

Barros também reforçou que o processo de sustentabilidade empresarial começa com a participação política no processo eleitoral. “Muitas vezes, o governo tem a capacidade de estragar o que os empresários fazem. Votar bem é o mais importante dos atos de sustentabilidade empresarial. Porque você fará tudo certo e uma ação do governo

poderá derrubar tudo”, disse.

Para o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR Ágide Meneguette “falar de sustentabilidade é importante, mas precisamos que a sociedade reflita e participe das decisões. Porque da forma que nosso país está hoje não dá para continuar, não temos viabilidade econômica. O Estado hoje custa muito caro. A maior arma que temos para mudar isso é o voto”.

O empresário Flávio Meneghetti usou os indicadores da indústria automotiva para mostrar os desafios que as empresas brasileiras enfrentam. O setor automotivo voltou aos patamares de 2006, com a previsão de comercialização de 2,2 milhões unidades de veículos leves em 2016.

Para tentar reverter a situação, a receita veio dos Estados Unidos que enfrentou uma crise recente, em 2008. “Estrutura enxuta, diversificação com seminovos peças e serviços e retenção de talentos”.

Outro exemplo de fatores determinantes para sobrevivência e sustentação do setor foi apresentado durante o evento pela Unimed Londrina, que, com 45 anos de existência, tem 1.140 cooperados e 200 mil beneficiários/usuários. A cooperativa profissionalizou sua gestão para continuar competitiva. “Passamos para uma atuação preventiva, transformando um plano de doença para um plano de saúde com planejamento e uma gestão de recursos mais firme”, explicou o diretor de Provimento, Omar Taha.

“Quem cria riquezas é a iniciativa privada”

Um resumo da palestra do presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR em Londrina



Em sua apresentação no evento da Folha de Londrina, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, falou sobre o papel de governo e iniciativa privada diante das dificuldades impostas pela crise econômica atual, e destacou a posição da Federação a respeito de temas essenciais para o país e o Estado. Veja a seguir alguns dos principais pontos da palestra.

A CRISE

“Como todo mundo está vendo – e sofrendo – o atual governo não tem condições de combater a crise por não tomar as medidas necessárias resolver os seus problemas fiscais e para reativar a economia. O corte de gastos de R\$ 23 bilhões, anunciado há poucos dias, está sendo considerado insuficiente pelos economistas, e o governo pretende compensar o déficit previsto com aumento de tributos, como o indesejável imposto do cheque.”

“A iniciativa privada deixou de ter confiança no governo e, em consequência, também não investe, além de não ter recursos e nem poder mais se valer de financiamentos como os do BNDES. O resul-

tado desta incapacidade de investimento é que levará o país a não crescer nos próximos anos.”

“No regime capitalista – como deveria ser o nosso –, quem cria riquezas, renda, gera empregos e impostos é a iniciativa privada. O papel do governo é garantir as condições necessárias para que os empreendimentos privados prosperem no interesse de toda a sociedade.”

“Só com muito esforço, coragem cívica e ética é que o Brasil terá condições de sair desta situação de calamidade.”

PARANÁ

“O Paraná sofre as mesmas agruras como o resto do país. Nem poderia ser diferente, uma vez que a crise é generalizada. Contudo, é preciso levar em conta que o Paraná se antecipou aos outros Estados e ao governo federal no ajuste fiscal.”

“O Paraná tem uma oportunidade única de iniciar imediatamente um programa de reativação da economia, através de obras de infraestrutura.”

“Provavelmente dentro de alguns poucos meses serão iniciadas obras de três novos portos privados, que vão movimentar a economia do litoral e oferecer novas opções aos exportadores paranaenses. Principalmente ao agronegócio, responsável por 70% de tudo que se embarca em Paranaguá.”

“Pelo que estou sabendo, o governo federal já iniciou negociações com três das seis concessionárias de rodovias para duplicar a maior parte do Anel de Integração, com repactuação dos contratos e, o que é mais importante, com redução dos preços de pedágio, que realmente são muito caros e reinício das obras de duplicação. A FAEP vem defendendo há tempos esta saída para a crise no Paraná, com as vantagens econômicas, sociais e solução para nossa logística.”

AGRONEGÓCIO

“O Agronegócio vai continuar sendo um carro chefe das exportações e gerador de saldos positivos na balança comercial porque o mundo precisa comer e o último recurso cortado numa crise é o destinado à compra de alimentos. Como esta é uma vantagem atual do Brasil, é preciso desenvolver a agropecuária para continuar mantendo e aumentando a nossa posição como grande fornecedor mundial de alimentos.”

“Em relação ao Paraná, a FAEP vem realizando parcerias com o governo do Estado e outras instituições em programas que considero muito importantes no sentido de manter a sua posição vantajosa em relação aos mercados:

- Pecuária Moderna, destinado a desenvolver a nossa pecuária de corte para a produção de carne de qualidade, que, em face do avanço da agricultura estava sendo relegada a um plano secundário.
- Plante seu Futuro, parceria liderada pela Secretaria da Agricultura para garantir o nosso solo, a água e o uso adequado dos insumos, especialmente os agroquímicos.
- Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada, que envolve a Secretaria da Agricultura e a Secretaria de Ciência e Tecnologia, universidades, órgãos de pesquisa, a FAEP e outras instituições públicas e privadas para sistematizar as demandas da agropecuária e do agronegócio por pesquisas, para orientar as universidades e os centros de pesquisas sobre o que é necessário estudar para atualizar a nossa produção rural.”

“Não é admissível que as universidades, que vivem da arrecadação dos impostos estaduais, estejam divorciadas da realidade dos nossos problemas e não sejam acionadas para estudá-los e apresentar as soluções práticas.”

“Dentro deste espírito trabalha o SENAR-PR, visando preparar a mão de obra indispensável para esse novo avanço da agropecuária. Estamos revisando não apenas os cursos que o SENAR-PR ministra, mas a própria estratégia de implementá-los para torna-los mais eficientes e produtivos.”

EM RESUMO

A FAEP defende:

- Um plano de obras urgente para recuperar a infraestrutura dos municípios prejudicada pelas últimas chuvas. A produção do campo precisa ser escoada, é uma questão de emergência.
- Solução para os gargalos de infraestrutura, com a duplicação do Anel de Integração. A Atual rede é a mesma de quando o Paraná produzia 17 milhões de toneladas de grãos, quando hoje produz 38 milhões, mais que o dobro.
- Ampliação dos portos na baía de Paranaguá para facilitar e baratear nossas exportações;
- Melhoria urgente dos sistemas de educação, saúde e segurança, para que o Paraná tenha uma mão de obra mais eficiente, saudável e pacífica.



A dama do bem-estar animal

Hemely Cardoso



O bem-estar dos animais é uma prática indispensável no manejo das propriedades de pecuária de corte e também nas etapas pré-abate. Esse processo envolve o aumento do nível de exigências à aplicação de condutas humanitárias ligadas à produção e à logística dos animais, mas vão além, passando pela conscientização dos profissionais envolvidos na cadeia da carne bovina. Esse tema é amplamente dominado por Temple Grandin, professora de Ciência Animal da Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, e especialista em manejo de bovinos.

Aos 66 anos, Temple pode ser considerada uma sumidade quando o assunto é comportamento animal. Ela já publicou mais de 400 artigos sobre práticas de tratamento racional de bovinos vivos em fazendas e frigoríficos. O seu trabalho é reconhecido internacionalmente em projetos de equipamentos e instalações revolucionárias para a pecuária, como a confecção de corredores e currais em formato arredondado.

Mary Temple Grandin foi diagnosticada com a Síndrome de Asperger, uma forma de autismo, aos três anos de idade. A doença, entretanto, não impediu que ela seguisse uma car-

reira acadêmica: formou-se em Engenharia, fez mestrado em Zootecnia na Universidade Estadual do Arizona e também é Ph.D. na mesma área pela Universidade de Illinois. Hoje, Temple é professora na Universidade Estadual do Colorado sobre comportamento de rebanhos e projetos de instalação, além de prestar consultoria para a indústria pecuária em manejo, instalações e cuidado de animais.

“Ela dedicou a vida inteira para estudar, pesquisar, entender e ensinar a importância do bem-estar animal para os sistemas de produção modernos. A essência do trabalho dela é demonstrar que é possível aumentar a produtividade da pecuária tratando os animais da maneira correta”, destaca o zootecnista Mateus José Rodrigues Paranhos da Costa, um dos maiores especialistas em bem-estar animal do Brasil.

Em 2010, a história de vida de Temple foi transformada num filme, *Temple Grandin*, que revela toda a sua trajetória.

“Eu vejo o mundo através de imagens por isso desenvolvi essa habilidade em observar o comportamento do gado”, diz.

Interpretado pela atriz americana Claire Danes, o filme relata a vida da jovem autista, que é levada por sua mãe para a fazenda da tia para integrá-la ao campo e aliviar os sintomas do autismo. Lá, Temple, que era extremamente arredia, passa a observar o modo como os trabalhadores lidam com a criação do gado, da alimentação até o abate.

Em um desses momentos, ela cria uma espécie de objeto, baseado no tronco de contenção – usualmente usado com o gado –, apelidada de “Máquina do Abraço”. Como não gosta de ser tocada por ninguém, nem mesmo pela mãe, a personagem sente a necessidade de se sentir protegida nos momentos de angústia e medo. Dessa forma sempre que se sente acuada, ela recorre a “Máquina do Abraço” a fim de se acalmar.



O manejo correto dos animais

Durante uma visita ao Brasil, em 2014, Temple Grandin, apontou que entre os erros mais recorrentes verificados num sistema de manejo de bovinos está a gritaria ou os berros para a condução do gado. Grandin defende que a atitude deve ser exatamente o contrário, com o peão agindo de maneira calma enquanto lida com os animais. Segundo ela, quando uma situação de medo ou tensão ocorre no ambiente de curral, na média são necessários entre 20 a 30 minutos para se restabelecer a tranquilidade no rebanho. “Na pecuária de corte, prevalece a máxima de que tempo é dinheiro. Portanto, animais calmos são mais fáceis de manejar e, conseqüentemente, demandarão menos tempo de lida”, afirmou ela.

O bem-estar animal precisa ser considerado como um componente fundamental da sustentabilidade da cadeia da pecuária brasileira. O manejo inadequado gera prejuízos financeiros, interfere na qualidade do produto final e ainda amplia a imagem negativa do setor junto a sociedade em geral.

O CAMPO É FEMININO

Sistema FAEP/SENAR-PR faz campanha em homenagem ao Dia Internacional da Mulher

Dia 8 de março é Dia Internacional da Mulher, data que simboliza as conquistas da população feminina na sociedade. Dados do Censo 2010, do IBGE, indicam que viviam no Brasil 97 milhões de mulheres, o equivalente a 51% da população. Na área rural, eram 14,1 milhões de mulheres – ou seja, 47,3% do total de moradores do campo. Não há dúvidas quanto ao papel exercido por elas: trabalhadoras, produtoras e, em muitos casos, chefes de família.

O Sistema FAEP/SENAR-PR sabe da importância da mulher no agronegócio. Para homenagear esse time de empreendedoras e trabalhadoras que faz a diferença no campo, selecionamos algumas histórias de sucesso. Acompanhe a nossa campanha no Facebook pela hashtag **#mulheresdesucesso**.





QUALIFICANDO E
PROMOVENDO
A FAMÍLIA RURAL



MARIANA
E A FORÇA DA
MULHER NO CAMPO

#MULHERESDESUCESSO



MARLENE
E A FORÇA DA
MULHER NO CAMPO

#MULHERESDESUCESSO



VALÉRIA
E A FORÇA DA
MULHER NO CAMPO

#MULHERESDESUCESSO

SISTEMA FAEP



Sala de aula a céu aberto

Fazenda Bimini, em Rolândia, desenvolve projeto de educação ambiental não-formal

Por André Amorim



Reza a lenda que no mar do Caribe havia um lugar distante, onde uma fonte de águas límpidas prometia a juventude eterna para aqueles que nela se banhassem. Essa fonte ficava num local místico chamado Bimini, terra de saúde e prosperidade, e foi buscada incansavelmente por exploradores e colonizadores espanhóis, tornando sua existência uma lenda que atravessou séculos e chega até os dias de hoje.

A fábula tem função de metáfora. A verdade é que nos mantemos eternamente jovens quando continuamos a aprender e não nos fechamos para aquilo que a vida nos traz de novo. Nesse sentido, poderíamos dizer que existe uma nascente dessa fonte da eterna juventude em Rolândia, no Norte do Paraná, onde está localizada a Fazenda Bimini. Não por acaso, o nome do local foi inspirado no poema do escritor alemão Heinrich Heine, que trata da mesma fonte da juventude. Lá não se planta soja, milho, tampouco café. Semeia algo

muito mais valioso: o futuro.

Através de ações educativas, o proprietário Daniel Steidle (que se define como um brasileiro com sotaque alemão) desenvolve um trabalho de conscientização e valorização do meio ambiente e da vida no campo. Transformada em uma sala de aula a céu aberto, a propriedade recebe por ano cerca de 5 mil visitantes. São turmas de alunos de escolas públicas e particulares, dependentes químicos, grupos religiosos, associações e quem mais tiver interesse. As visitas são gratuitas e obedecem a um roteiro que muda a cada nova turma. O objetivo é resgatar as relações das pessoas com a natureza e com a própria ancestralidade, laços que muitas vezes se perdem no furor diário e automático da vida moderna.

Tudo começou na década de 1930, quando o imigrante alemão Hans Kirchheim, pai de Ruth Steidle, mãe de Daniel, chegou a Rolândia.

dia e abriu caminho na mata fechada para erguer ali a Fazenda Bimini. Em um dos cômodos da casa, é possível encontrar fotos do pioneiro com machado em punho derrubando árvores que seriam usadas para construir casas e outras estruturas.

A imagem pode confundir aqueles que se prestam ao discurso convencional de conservação, que muitas vezes pinta a agropecuária como vilã pelo fato de ela utilizar a terra para produzir alimento. Mas não é o que encontramos na Bimini. Com a coerência que falta a muitos ecologistas, Daniel Steidle conta que na época, não havia alternativa, tratava-se de uma questão de sobrevivência. “Uma carta de 1936 conta: ‘Ficamos tristes a cada árvore que foi derrubada’, mas não havia outra maneira, eles não eram índios para sobreviver na mata”, afirma. Na época, não havia poder público atuante. Escolas, pontes, estradas, tudo era feito em mutirão pelos desbravadores.

Em 1968, Kirchheim, o avô de Daniel, fundou uma escola alternativa no município. Ali o conhecimento já era transmitido de forma diferente da educação formal, utilizando a arte como ferramenta de aprendizado. Poderia ser encontrado ali o germe do projeto de educação ambiental não-formal, que seu neto desenvolveria na Bimini décadas mais tarde.

A fazenda prosperou durante o período em que o ouro verde do café turbinou a economia paranaense. Mesmo depois da geada negra de 1975, a fazenda continuou apostando na cultura, mas ficou descapitalizada e nos anos seguintes entrou em decadência. “Quan-

do veio a geada, meu avô se trancou no escritório e ficou lá por dias”, conta Daniel.

Sabedoria da roça aplicada na vida

As atividades educativas que acontecem na Fazenda Bimini tratam de despertar o que os participantes trazem de melhor dentro de si. Cada um contribui com um pouco da sua própria história de vida. Um exemplo é a parceria com um produtor rural vizinho da fazenda. Ele utiliza o terreiro da propriedade para secar o café que produz e, em contrapartida, dá aula para as crianças sobre a cafeicultura. O resultado é o melhor possível: as crianças aprendem com quem tem a experiência concreta da atividade – que torna a aula mais real – e o “produtor-professor” se sente realizado. “Quanta sabedoria vem da roça”, pondera Daniel.

Outra aula inesquecível teve como professor um dos criadores da técnica do plantio direto na palha, Herbert Bartz, que falou com as crianças sobre diversos assuntos além da agricultura. “Esse tipo de conversa você não esquece”, diz.

Essa troca é uma prática recorrente. Segundo ele, a cada visita tenta-se descobrir o que os visitantes trazem de bagagem cultural e pes-



Daniel Steidle no seu “cinema da roça”

soal para aproveitar nas aulas. Como nenhum grupo é igual ao outro, as visitas também não são, de modo que o roteiro muda a cada dia.

Nessa sala de aula a céu aberto, o aprendizado é orgânico. “Uma aula não precisa ser fragmentada em ciências, geografia, história. Esse conjunto é a própria vida”, observa Daniel.

Um exemplo dessa estratégia foi uma aula de democracia e ecologia realizada junto a uma turma de crianças. Uma cobra foi capturada na propriedade e todos os participantes foram convidados a observá-la e desenhá-la. Além de aprender a respeitar o animal – que, afinal de contas, está no seu próprio habitat –, eles votaram para escolher o nome que dariam àquela cobra. Dessa forma, aprenderam também a respeitar a vontade da maioria dos colegas, que optou pelo nome de “Linguarudo”.

Segundo Daniel, hoje as crianças são formadas “em série”, em um sistema semelhante a uma linha de montagem industrial, que prepara trabalhadores capazes, funcionários obedientes, mas não indivíduos. “Nessas aulas nós tentamos acordar o indivíduo como protagonista e não só como um robzinho que reproduz o conhecimento”, diz. Ele observa que o papel deste tipo de educação informal não exclui a educação formal. “Não vamos mudar essa educação voltada para a competição, mas temos que ter espaços como esse aqui”, afirma.

No arvoredo, novos tesouros

Cada cômodo da Bimini tem uma história diferente e uma função que leva o espectador para fora da sua zona de conforto, fazendo-o questionar a lógica do dia-a-dia em que vivemos. No cardápio de atrações, existe paiol de milho que foi transformado em cinema para exibir as produções caseiras dos moradores da região, que retratam a realidade em que vivem. Algumas das produções desta chamada “Rolândiawood” (brincadeira com o nome Hollywood) chegaram a ser selecionadas para um festival de curtas-metragens, em Curitiba.

Em outro local foi feito um “Museu de utensílios”, formado por contribuições de objetos antigos de várias pessoas, repletos de história, mas que teriam como destino a lixeira. “Aqui eles viram novas ideias”, explica Daniel exibindo as muletas que pertenciam ao avô.

Ao lado existe uma sala onde uma biblioteca divide espaço com um palco onde são encenadas pequenas peças. Os livros foram doações de várias instituições e pessoas físicas. Dentre os tesouros guardados ali, uma edição de 1860 em alemão gótico do livro “Perspectivas da Natureza”, de Alexander Von Humboldt.

Outra riqueza existente na Fazenda Bimini é o arvoredo com mais de 300 espécies diferentes de árvores, entre espécies exóticas e nativas. Essa história começou em 1997,

com o plantio das primeiras mudas. Logo a Embrapa somou forças a esta iniciativa, utilizando o local como campo experimental. “É muito gostoso ser parceiro da pesquisa, você acompanha e vai aprendendo junto”, conta Daniel.

Dentre os tesouros vegetais há um exemplar de Buriti do Paraná (uma planta da era glacial) que na Bimini encontrou inspiração para florir – um fenômeno raríssimo que impressionou mesmo os pesquisadores mais veteranos. “São algumas preciosidades que devem ser democratizadas”, avalia Daniel, que, durante as visitas, tenta encaminhar as turmas para passar primeiro pelas plantas nativas e só no final conhecer as árvores exóticas, muitas delas com potencial comercial, como o mogno africano e o cedro australiano.

Quando questionado sobre o tamanho da área da fazenda, Daniel desconversa. Não quer que o tamanho seja um impeditivo para que a iniciativa seja replicada em outro lugar. Como as visitas são gratuitas, os recursos vêm de parcerias com instituições de pesquisa e do arrendamento de parte da propriedade para lavoura. “Mas o melhor jeito de ter dinheiro é não gastar dinheiro”, ensina.



A cobra encontrada na propriedade virou tema de aula na Bimini

Serviço pioneiro

SENAR-PR é a única instituição de formação rural no Brasil credenciada pela Global G.A.P.



poderá ser exportado desde que cumpra as exigências internacionais”, explica Gomes.

No próximo dia 15 de março, o vice-presidente de Marketing da Global G.A.P., Flavio Alzueta, estará em Curitiba para conhecer as propostas de atuação do SENAR-PR no processo de certificação da empresa europeia que é líder mundial na atividade. “Iniciaremos o processo do zero, criando inicialmente um sistema de treinamento dos próprios capacitadores. Não há um modelo similar no Brasil, teremos que buscar exemplos de fora”, explica.

Participaram da assinatura do termo de cooperação o superintendente e o gerente técnico do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto e Eduardo Gomes, o Chief Executive Officer da Global G.A.P., Kristian Moeller, e a Farm Assurer Program, Claudia Bock.

A Global GAP produziu um manual de Boas Práticas Agrícolas (BPA) válido em todo mundo e atualizado regularmente. Assim, consegue atender as exigências dos consumidores em relação à forma como os alimentos são produzidos, garantindo comercialização aos agricultores certificados, que adotam as BPA. Os protocolos de certificação Global GAP estão presentes em 123 países.

Se hoje Boas Práticas Agrícolas são um diferencial, em muito pouco tempo elas estarão entre os requisitos mínimos necessários para a comercialização da produção agrícola. Na Europa isso é tão comum, explica o gerente-técnico do SENAR-PR, Eduardo Gomes, que questionar um produtor sobre os benefícios de uma certificação chega a ser incompreensível. “É uma tendência de mercado e de produto ter um validador que garanta o sistema de produção, distribuição e consumo de alimentos em quantidade e qualidade adequadas”.

Foi essa percepção da crescente preocupação com a segurança alimentar e a oportunidade de novos mercados para a produção agrícola brasileira, que levou o SENAR-PR a se tornar a única instituição de formação rural no Brasil credenciada pela Global G.A.P (sigla em inglês para Boas Práticas Agrícolas) para referenciar a certificação de empresas, profissionais e produtores rurais.

O termo de cooperação foi assinado em Berlim durante a edição de 2016 da Fruit Logistica, maior feira de frutas e hortaliças da Europa, entre os dias 3 e 5 de fevereiro. O protocolo da Global G.A.P é uma garantia de produção sustentável e segura para diversas cadeias produtivas – pode-se pensar inicialmente em olericultura, leite e carnes. “Teremos em breve um grande excedente de leite, por exemplo, que

Boas práticas

Em 2015, 20 instrutores na área de produção de olerícolas foram capacitados na utilização de Boas Práticas Agrícolas (BPA) seguindo o protocolo Global G.A.P com o objetivo de alinhar o conteúdo do curso Trabalhadores agrícolas na olericultura – implantação de boas práticas agrícolas – alimento seguro e de qualidade com protocolos aceitos internacionalmente.

Outra frente de atuação do SENAR-PR no sistema de Boas Práticas Agrícolas é o programa de qualificação de olericultores, lançado em 2014. Sem similares no Brasil, o “HortiMais”, que difunde informações técnicas para que o produtor rural possa produzir com maior qualidade, de modo sustentável e racional, assegurando uma saúde financeira e proporcionando melhor qualidade de vida a seus familiares.

100 anos de Serviço de Inspeção Federal



11 de janeiro de 1915, através do Decreto nº 11.462, que as autoridades brasileiras começaram a estruturar um mecanismo de controle sanitário de produtos de origem animal. Na época o serviço foi chamado de Serviço de Inspeção de Fábricas de Produtos Animais e abreviado para SIP – Serviço de Indústria Pastoril, que foi substituído em 1933 pela atual nomenclatura. Hoje o SIF é coordenado pelo Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Atualmente, segundo o ministério, o SIF está presente em 5.010 estabelecimentos brasileiros que realizam o comércio interestadual ou internacional de produtos de origem animal, nacionais e internacionais. Com um corpo técnico de 2.587 servidores ativos em todos os Estados brasileiros e em cerca de 1.535 municípios. Além do SIF, existem ainda os serviços de inspeção dos estados (SIE) e

dos municípios (SIM). O SIF é reconhecido pelo tradicional carimbo impresso nas embalagens dos produtos de origem animal inspecionados pelo MAPA.

O primeiro treinamento dos técnicos do setor foi realizado com a promulgação do Decreto nº 13.028, de maio de 1918, pelo então ministro João Gonçalves Pereira Lima. O primeiro grupo de 77 funcionários fez cursos na Europa e Estados Unidos nos três anos subsequentes. A chegada dos primeiros frigoríficos estrangeiros ao Brasil (como as empresas americanas Wilson, Swift e Armour), na década de 20, deu início às primeiras exportações.

Nas décadas de 40, 50 e 60, várias medidas de expansão do serviço foram adotadas e seus efeitos se estenderam até os anos 70. Esse período é lembrado pelos profissionais do setor como aquele em que ocorreu o processo de federalização do Serviço de Inspeção Industrial e Sanitária, pela lei nº. 5.760. Em 1989, o presidente Sarney revogou a Lei da Federalização, transferindo o serviço de inspeção sanitária dos produtos de origem animal aos Estados e municípios. Para a União ficou apenas a responsabilidade de fiscalizar os estabelecimentos que fazem comércio interestadual e internacional.

Atualmente, toda carne exportada é inspecionada e tem sua documentação sanitária avalizada pelo SIF em várias etapas do processo, desde o abate até os portos de embarque nos navios.

Avanços e preocupações

A seguir você acompanha uma entrevista com o médico-veterinário formado pela Universidade de São Paulo (USP), Sebastião Costa Guedes que preside o Grupo Interamericano para Erradicação da Febre Aftosa (Giefa), organismo que busca eliminar a febre aftosa na América do Sul. Guedes é respeitado pela longa experiência na área de sanidade animal.

Como o senhor avalia a qualidade do Serviço de Inspeção Federal e a importância dele para o desenvolvimento da agropecuária no Brasil?

Considero extremamente importante. O SIF muito contribuiu para a modernização e evolução não só do nosso parque fabril, mas também na formação profissional de quadros. Além disso, propiciou maior grau de segurança e confiabilidade ao consumidor brasileiro. O Brasil tem hoje boa presença no mercado internacional de carnes e isso se deve, em grande parte, ao SIF.

O SIF acompanhou o crescimento do segmento da atividade?

A defesa sanitária evoluiu muito, mas poderia ter tido maior pro-

gresso. Acho que deveríamos ter dado maior prioridade à epidemiologia das enfermidades e não poderíamos ter reduzido a extensão rural. O nível sanitário dos pequenos e médios criadores ou produtores, aqui incluindo a chamada “agricultura familiar”, não melhorou na velocidade que se esperava. Faltaram recursos para assegurar o atingimento de melhor nível ou patamar em sanidade e evolução genética nesta categoria de produtores rurais.

Quando o senhor esteve em Curitiba, em 2015, fez algumas críticas ao serviço de defesa sanitária nacional e ao descaso do governo federal em relação à manutenção de quadros de funcionários em regiões estratégicas. Qual a sua opinião sobre a postura do governo federal em relação à manutenção da qualidade dos serviços prestados pelo SIF?

O SIF é um exemplo de atividade bem estruturada, todavia a defesa sanitária sempre sofre com contingenciamentos e orçamentos reduzidos. Faltam profissionais em diversas regiões do país. A importância do setor pecuário nas exportações brasileiras mereceria mais recursos orçamentários.

Como o senhor definiria a veterinária preventiva de zoonoses? Que investimentos o governo federal deveria fazer para termos esse tipo de veterinária eficaz e eficiente?

Prevenção sempre é menos dispendiosa que tratamentos. Nossos avanços com a brucelose, tuberculose e raiva bovina, para citar só algumas doenças, retratam a importância da prevenção. Além disso, salmoneloses exigem maior atenção. Devemos formar mais veterinários epidemiologistas para atuar no serviço sanitário!



Sebastião Guedes

Problemas na reta final

Atualização do Sicar causou problemas no Cadastro Ambiental Rural; intervenção da FAEP foi decisiva para aplicação de correções

O Sistema FAEP/SENAR-PR mantém um acompanhamento sistemático das atualizações do programa Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (Sicar). Um dos resultados desse trabalho foi a identificação de um problema na versão 2.0 do programa Sicar, que o Ministério do Meio Ambiente colocou no ar no dia 26 de fevereiro. Esse “defeito” impedia o acesso do produtor rural que estava com o processo em andamento na versão 1.9 às informações já salvas para dar prosseguimento à elaboração do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Em paralelo a essa constatação, a FAEP recebeu dezenas de ligações de produtores que enfrentavam a dificuldade e haviam perdido cadastros já iniciados. Imediatamente, a engenheira-agrônoma Carla Beck, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP, em conjunto com o setor de Informática da instituição, montaram uma bateria de testes para o programa. Após 24 horas de verificações, foram identificadas as falhas e o Sistema FAEP/SENAR-PR fez uma solicitação, tanto ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) como para os técnicos da Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais, responsáveis pela elaboração do Sicar, para a solução dos problemas.

“A resposta do MMA e dos técnicos foi rápida, e no dia 2 de março uma nova versão do programa (2.1) já estava disponível aos produtores rurais para que estes fizessem o CAR sem dificuldades”, explica Carla.

Nesse período, de 26/02 a 2/03, o Sistema FAEP/SENAR-PR publicou um informativo no seu site (www.sistema-faep.org.br) orientando os produtores em relação ao problema e a solução encontrada.

Alterações no preenchimento

Carla alerta os produtores que já tinham iniciado a elaboração do CAR na versão 1.9 a atualizarem primeiro o programa para a versão 2.0 e depois para a versão 2.1 e revisarem as informações antes do envio. A última versão do Sicar (2.1) traz também algumas mudanças no preenchimento do cadastro. Confira as orientações abaixo:

1 – No item Cadastrante

Além dos dados do cadastrante (que pode ser o produtor, facilitador ou técnico), o programa exige os dados do representante, que, no caso do CAR, é a pessoa física que está habilitada pelo proprietário a representá-lo em todas as etapas do CAR desse imóvel.

A imagem mostra a interface do sistema de Cadastro Ambiental Rural (CAR). No topo, há o logotipo do CAR (Cadastro Ambiental Rural) e uma barra de navegação com ícones para: SAZAR IMAGENS, CADASTRAR, GRAVAR PARA ENVIO, ENVIAR e RETIFICAR. Abaixo, o formulário principal é intitulado "CADASTRAR IMÓVEL RURAL" e contém a seguinte estrutura:

- Novo Imóvel Rural**: Título do formulário.
- Abas de Navegação**: Cadastro, Imóvel, Domínio, Documentação, Geo, Informações.
- Dados do Cadastrante**:
 - CPF: [campo de texto]
 - Data de Nascimento: [campo de data]
 - Nome: [campo de texto] (informe o nome conforme consta no CPF declarado)
 - Nome da Mãe: [campo de texto]
- Dados do Representante**:
 - Representante: A figura do representante no âmbito do Cadastro Ambiental Rural é a pessoa física que estará habilitada pelo proprietário / possuidor a representá-lo em todas as etapas do CAR deste imóvel.
 - Opções de seleção:
 - Não possui representante
 - Possui representante, e ele é o cadastrante
 - Possui representante, mas ele não é o cadastrante
- Campos Obrigatórios**: * Campos Obrigatórios
- Observação**: Obs.: Você deverá iniciar e finalizar cadastro de um imóvel utilizando sempre o mesmo computador.
- Botões de Navegação**: Voltar (seta para esquerda) e Próximo (seta para direita).
- Logotipos e Informações**: Logotipo do Ministério do Meio Ambiente, bandeira do Brasil e "CAR - MÓDULO DE CADASTRO" no canto inferior direito.

2 – No item Documentação

Além do código do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), também está sendo solicitado o número de inscrição do imóvel rural na Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná. Ou, como também é conhecido pelo produtor, o número de identificação do ITR (Imposto sobre Propriedade Territorial Rural).

3 – Ainda na Documentação

Caso o produtor rural tenha uma área que se destina a compensação de Reserva Legal de outro imóvel, ele deve indicar e colocar o número do CAR que se beneficiou da compensação e a área compensada no cadastro que está fazendo.

4 – Na área do Georreferenciamento

Na última versão do Sicar foi introduzido o item “Sede ou ponto de referências do imóvel”. Além disso, é obrigatória a indicação do imóvel.

5 – Ainda na área do Georreferenciamento

No ícone de Reserva Legal o produtor pode indicar a Reserva Legal vinculada à compensação de outro imóvel.

Uma novidade na nova versão, que é também uma das solicitações importantes, é a possibilidade de o produtor incluir a largura de rios menores que 10 metros.



Curso Cohapar

Nos dias 1, 2 e 3 de março o Sistema FAEP/SENAR-PR ofereceu, em sua sede em Curitiba, um curso de capacitação de 24 horas sobre o preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR) para um grupo 18 profissionais da Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar).

A empresa organizou uma força tarefa de técnicos para fazer os cadastros de 300 áreas da companhia. No total a empresa possui 400 áreas, mas somente um quarto desse total já fez o CAR. “Em função do prazo de preenchimento do CAR, que termina dia 5 de maio próximo, faremos um esforço concentrado para o preenchimento dos cadastros”, informou a engenheira-civil Thania Barna, assessora técnica da Cohapar.

Em dia com as novidades

Simpósio apoiado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR reunirá em Curitiba referências mundiais em manejo, comportamento, automação e precisão na pecuária leiteira



Imagem do evento realizado em 2015

“Manejo e precisão em sistemas de produção de leite” é o tema central do 6º Simpósio Internacional Leite Integral, que ocorre entre os dias 5 e 7 de abril no centro de convenções Expo Unimed, em Curitiba. O evento é realizado pela revista Leite Integral, com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O simpósio deste ano tem como objetivo apresentar o conceito de “fazenda inteligente”, que vem sendo amplamente utilizado em vários países. Esse conceito reúne ferramentas de manejo, gestão e automação, visando maximizar a eficiência de todos os processos na propriedade, reduzindo custos e aumentando a produtividade. O rol de palestrantes inclui pesquisadores, professores de instituições de ensino do Brasil, Nova Zelândia, Estados Unidos, Canadá e Israel e representantes de empresas de consultoria internacionais.

Este é o terceiro ano consecutivo em que o Sistema FAEP/SENAR-PR participa do simpósio, por considerar a bovinocultura de leite uma

importante cadeia produtiva para o Paraná. A instituição desenvolve uma série de ações visando melhorar a produção e produtividade do Estado. Entre elas está o Conseleite que serve de referência de preços aos produtores rurais, e envolve universidade, produtor e indústria. A FAEP tem ainda uma comissão técnica dedicada à bovinocultura de leite, que está entre as mais ativas. Nela, participantes de diversos sistemas produtivos trazem informações sobre os desafios e oportunidades para que as ações da Federação sejam pautadas nas diferentes realidades existentes no Estado.

Neste ano, o Sistema FAEP /SENAR-PR está presente no simpósio com um estande de 30 metros quadrados, fornecendo informações e material de divulgação dos diversos treinamentos relacionados à cadeia produtiva. Dez instrutores da área de pecuária de leite e três técnicos do SENAR-PR participarão do evento, buscando se manter atualizados sobre as tecnologias e tendências da atividade.



Homenagem

O Movimento Pró-Paraná, em comemoração aos seus 15 anos de fundação, concedeu o certificado de sócio fundador ao engenheiro-agrônomo e técnico da FAEP Nilson Hanke Camargo, numa solenidade realizada no dia 2/3, na sede da Associação Comercial do Paraná.

Também foram homenageados Fernando Fontana, conselheiro; Cleversson Marinho Teixeira, vice-presidente; Sidney Pinto, associado sênior; e Clotilde de Lourdes Branco Germiani, associada sênior.

Foram entregues certificados remanescentes para os fundadores, o jornalista e empresário Francisco Cunha Pereira Filho (in memoriam), primeiro presidente do Movimento Pró-Paraná e o ex-presidente e conselheiro, Jonel Chede.

Contribuições para PAP e Plano Safra

No intuito de contribuir para melhoria das políticas públicas, a FAEP tem preparado, a cada ano, um documento de propostas ao Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e ao Plano Safra. Para 2016, ainda está em tempo de os sindicatos rurais e produtores contribuírem com sugestões nos seguintes assuntos: crédito rural (montante de recursos e taxas de juros, adequações em linhas de custeio e investimento), linhas de investimento do BNDES (Moderfrota, PCA, ABC, Inovagro e outras), políticas de apoio à comercialização e preços mínimos, seguro rural e Proagro, condições de crédito para o médio produtor (Pronamp), condições de crédito para o agricultor familiar (Pronaf), entre outros temas. As propostas podem ser encaminhadas para o endereço eletrônico tania.moreira@faep.com.br até 08/03/2016.

Porto contra a dengue

Os tripulantes dos navios que atracam ao Porto de Paranaguá estão recebendo informações sobre como prevenir e combater o mosquito *Aedes aegypti* – transmissor da dengue, zika e chikungunya. A campanha de conscientização está sendo feita pela Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa). A ideia é orientar os profissionais de outros países que chegam ao porto paranaense sobre as formas de evitar o acúmulo de água parada e fazer a destinação correta do lixo produzido na embarcação, além de como identificar os sintomas da dengue. A Appa também distribui cartazes com informações em inglês sobre os sintomas da dengue e as formas de evitar a incidência do mosquito.



Bandeirantes**Classificação de grãos**

O Sindicato Rural de Bandeirantes realizou, em parceria com a Universidade Norte do Paraná, de 15 a 18 de dezembro de 2015, o curso de Trabalhador na Classificação de Produtos de Origem Vegetal – integrado de grãos. Participaram 14 alunos do curso de Agronomia, com a instrutora Maria de Fátima Cavalheiro Marcondes.

Mandaguaçu**Inclusão Digital**

O Sindicato Rural de Mandaguaçu realizou de 1 a 5 de fevereiro, em parceria com o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e a Usina Santa Terezinha, no município de Iguatemi, o Programa de Inclusão Digital - introdução informática - word, excel, e-mail e internet. Participaram 14 trabalhadores, com o instrutor Reinaldo Galvão.

Cianorte**Trabalho em altura**

O Sindicato Rural de Cianorte organizou, em parceria com a Destilaria Melhoramentos Norte do Paraná, nos meses de janeiro e fevereiro, seis turmas do curso Trabalhador na Segurança no Trabalho – NR 35 – Trabalho em Altura. Cada turma teve a participação de oito trabalhadores rurais. O instrutor dos grupos foi Rodrigo Rivarola.

Cianorte**Cana-de-Açúcar**

O Sindicato Rural de Cianorte realizou de 20 a 21 de janeiro, em parceria com a Destilaria Melhoramentos Norte do Paraná, o curso de Trabalhadores no Cultivo de Plantas Industriais (Cana-de-Açúcar) – Queima. Participaram 12 trabalhadores com o instrutor Claudio José Zunta.

Paranacity



Inclusão digital

O Sindicato Rural de Paranacity realizou de 25 a 29 de janeiro, em parceria com a Usina de Açúcar Santa Terezinha - Unidade de Paranacity, o Programa de Inclusão Digital - introdução a informática - word, excel, e-mail e internet. Participaram 14 trabalhadores com o instrutor Reinaldo Galvão.

Barbosa Ferraz



Posse

A posse da diretoria eleita do Sindicato Rural de Barbosa Ferraz aconteceu no dia 3 dezembro. Na ocasião, o presidente do sindicato recebeu título de cidadão honorário do município. Foram eleitos Pacifico de Sante como presidente; Klaus Marcelo Balbo e Hugo Lisot, vice-presidentes; Wellington Brasil Felix, secretário; e José Félix Sobrinho, tesoureiro.

Renascença



Colhedoras

O Sindicato Rural de Renascença realizou nos dias 3 e 4 de fevereiro o curso de Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedoras Automotrizes - regulagem de colhedoras automotrizes - intermediário. Participaram 15 produtores rurais com o instrutor Adelar Cagnini.

São José dos Pinhais



Turismo Rural

O Sindicato Rural de São José dos Pinhais realizou, em parceria com a Associação dos Produtores Rurais, Artesãos e Empreendedores de Turismo da Campina do Taquaral e Região (Acamp), nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro o curso Trabalhador em Turismo Rural - oportunidades de negócios. Participaram 10 produtores com o instrutor José Rivaldo dos Santos. As aulas aconteceram na comunidade da Campina do Taquaral.



Precisa-se de panelão

Depois de deixar uma mandioca “esquecida” na lavoura por cinco anos, o aposentado Miguel Queiroz, de Tremembé (SP) colheu uma raiz de 39 quilos e mais de dois metros de comprimento. A supermandioca, segundo especialistas, ficaria ainda maior se fosse deixada na terra por mais tempo. O próximo desafio agora é encontrar uma panela grande o suficiente para cozinhá-la.

Esse totó...

O menino entra na sala desesperado por causa de seu cãozinho de estimação.

— Mamãe, o Totó fugiu!

— Não se preocupe — diz ela. — Amanhã a gente coloca um anúncio no jornal.

— Mamãe, você não está entendendo — ele insiste. — O Totó não sabe ler!

No hospital, um dos internos passeia no pátio, segurando um barbante que tem, na outra ponta, uma escova de dentes.

— Passeando com o seu cachorrinho? — pergunta, alegre, um dos enfermeiros.

— Tá louco? — responde o paciente. — Não está vendo que isso é uma escova de dentes?

O homem vai embora, surpreso com a lucidez do paciente. O interno observa-o e, então, vira-se para a escova.

— Muito bem, Totó! Pegamos mais um!

Na realidade...

O prédio mais alto do mundo é o Burj Khalifa, um complexo que inclui hotel, andares corporativos e residenciais em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, com 163 andares e 828 metros de altura. Pelo menos até 2019, quando está prevista a conclusão da Jeddah Tower, em Jeddah, na Arábia Saudita. A altura final do novo edifício está sendo mantida em segredo, mas especula-se que terá mais de 1 mil metros.



Burj Khalifa

Dubai, Emirados Árabes Unidos
163 andares



Shanghai Tower

Xangai, China
128 andares



Abraj Al Bait

Mecca, Arábia Saudita
120 andares

... e na ficção

Na ficção, a estrutura mais alta construída pelo homem é uma torre ligando a ilha de Sri Lanka, no Oceano Índico, a um satélite em órbita sobre a Terra. Por dentro dela, um elevador superrápido transporta cargas sem o uso de foguetes. O surpreendente prédio é fruto da imaginação do escritor de ficção científica Arthur C. Clarke e é descrito no livro *As Fontes do Paraíso*, de 1979.



Hora do rango!

A mamãe alimenta os filhos. Foto tirada por Celmir Oliveira Telles na Granka Paumar, em Clevelândia.

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: imprensa@faep.com.br

Qual palmito?



Pouco calórico e desprovido de gorduras, o palmito é fonte de fibras, cálcio, ferro, fósforo e vitaminas A, B e C. O Brasil é o maior produtor e exportador mundial do produto.

No mercado brasileiro há três variedades diferentes de palmito: pupunha (que demora menos para chegar no ponto de corte e não morre com a colheita), açai e juçara (também conhecido como palmeira-real).



O rochedo e o Portão

Desde 1970, 57 países se tornaram independentes. O mais recente deles é o Sudão do Sul, nascido em 2011. Apesar de tantas mudanças nos mapas, ainda há diversos territórios que estão subordinados a outras nações. As Nações Unidas mantêm 17 deles dentro de seu Programa de Descolonização. O menor deles o rochedo de Gibraltar, base militar britânica encravada no Sul da Espanha, com menos de 6 quilômetros quadrados e 32 mil moradores – mais ou menos o mesmo tamanho e população do bairro do Portão, em Curitiba.



Os dias que não existiram

Os dias 5 a 14 de julho de 1582 foram varridos da História. Nesse ano ocorreu a mudança do calendário juliano (instituído pelo imperador romano Júlio César) para o gregoriano (criado a pedido do papa Gregório XIII. Cristóvão Clávio, assessor do papa, calculou que o calendário que estava em vigência à época continha um erro e, como consequência, datas como o início das estações do ano e comemorações como a da Páscoa estavam ocorrendo cada vez mais cedo. Para corrigir as distorções, 10 dias tiveram de ser eliminados da folhinha naquele ano. O calendário juliano continua servindo como referência para alguns ramos da Igreja Ortodoxa. Assim, datas como Natal e Páscoa são celebrados em dias diferentes.

Milho de PIPOCA

A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação por que devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser.

O milho de pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro.

O milho de pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer.

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre.

Assim acontece com gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira.

São pessoas de uma mesmice e uma

dureza assombrosas. Só elas não percebem. Acham que é o seu jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo.

O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor.

Pode ser o fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder o emprego, ficar pobre.

Pode ser o fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão, sofrimentos cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio. Apagar o fogo. Sem fogo, o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação. Pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pensa que a sua hora chegou: vai morrer.

Dentro de sua casca dura, fechada em

si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz.

Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: Bum! E ela aparece como uma outra coisa completamente diferente, com que ela mesma nunca havia sonhado.

Piruí é o milho de pipoca que se recusa a estourar. São aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. A sua presunção e o medo são a dura casca que não estoura. O destino delas é triste. Ficarão duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca e macia. Não vão dar alegria a ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo.

E você o que é? Uma pipoca estourada ou um piruí?

(Adaptado do livro O amor que acende a lua, de Rubem Alves)



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br